

MALANDRAGEM, BOÊMIA E RESISTÊNCIA

Reprodução

Reprodução



Cartola, Darcy da Mangueira, Donga e Clementina de Jesus



João da Baiana, Pixinguinha e Donga ou, como dizem os bambas, a santíssima trindade do samba

Por Affonso Nunes

Em seu célebre samba, Nelson Sargento cantava que o “samba agoniza, mas não morre”. O bamba se referia aos altos e baixos enfrentados pelos que se devotavam a ele. Mas os tempos são outros. Mais forte do que nunca, o samba está lépido e fagueiro e com a eterna capacidade de se renovar. O samba possui raízes profundas, entrelaça elementos da cultura africana, indígena e europeia. Nada mais brasileiro, portanto. Sua história é marcada por resistência, criatividade e uma constante evolução. As primeiras manifestações do samba podem ser traçadas até os batuques e rodas de dança realizadas por escravizados africanos que cheagavam ao país. Apesar de todas as adversidades provocadas por essa violenta diáspora que extraía homens, mulheres e crianças do continente africano, estamos falando de um povo forte e resiliente com uma forte herança cultural centrada na música e na dança.

Já em terras brasileiras, esses encontros eram momentos de celebração, resistência e expressão cultural, onde ritmos e movimentos corporais eram transmitidos de geração em geração. Instrumentos de percussão como o atabaque eram o ponto de partida do ponto de vista rítmico.

Com a abolição da escravatura e a crescente urbanização do início do século 20, muitos desses afro-brasileiros migraram para os centros urbanos, levando consigo suas tradições musicais. No Rio de Janeiro, em especial, esses ritmos se mesclaram a outros gêneros musicais, como a polca, a valsa e o maxixe e o lundu.

Os primeiros sambistas eram, em sua maioria, moradores de comunidades carentes, que utilizavam a música como forma de expressão e resistência. As rodas de samba e de choro que aconteciam em ruas e vielas, eram espaços de encontro e troca cultural.

Mas nem tudo era festa. A polícia reprimia músicos e capoeiristas. E as rodas foram se transferindo para dentro das casas.

A baiana Tia Ciata abrigava essas rodas e tem seu nome gravado na história do samba. Cozinheira de mão cheia e portadora da herança cultural afro-brasileira, fez de sua casa no número 119 da Rua Visconde de Itaúna, na Praça Onze, (rua extinta pela abertura da Avenida Presidente Vargas) um celeiro de talentos e ponto de encontro para os principais nomes do samba naquela época. Naquele espaço acolhedor e vibrante, música, dança e a cultura popular se misturavam.

Entre os frequentadores mais assíduos estavam músicos como Pixinguinha, Sinhô, Donga, João da Baiana e muitos outros. Esses artistas, que mais tarde se tornariam lendas do samba, encontravam na casa de Tia Ciata um ambiente propício para a criação e a troca de ideias. Foi lá que Donga compôs, em 1916, “Pelo Telefone”, o primeiro samba gravado. E lá João da Baiana introduz o pandeiro no samba.

A casa também atraía poetas e intelectuais, que encontravam inspiração na música e na energia vibrante do lugar. Entre eles estava o maestro Heitor Villa-Lobos.

A partir da década de 1920, o samba alcança destaque nacional, indo além dos quintais e terreiros. Tudo impulsionado pela criação das escolas de samba e pela difusão do ritmo no rádio, que dava seus primeiros passos. Os desfiles carnavalescos, com suas alegorias e músicas, transformaram o samba em um símbolo da cultura brasileira.